



CRER E DESCRER: EIS A QUESTÃO

Crer em utopias é necessidade e superação dos limites da condição

E quanto mais as circunstâncias negativas/destrutivas dominarem

mais criamos-recriamos utopias. (cont.pág.3)

ALIENAÇÃO/INQUIETUDE POR QUE?

Embora praticando diariamente a interiorização e o conseqüente preenchimento do vazio

com a sensação / visão do Todo

só agora a HISTÓRIA OCULTA DA HUMANIDADE se me revelou

como decorrência da INQUIETUDE E ALIENAÇÃO

OU DE TODA BUSCA, CONSTRUÇÃO E CRENÇAS DO SER HUMANO.

Revelação essa obtida na densa leitura do livro de Morris Berman, "CORPO E ESPÍRITO" *

Sim, a insatisfação, a desproporção entre o ideal e o real, o medo da morte

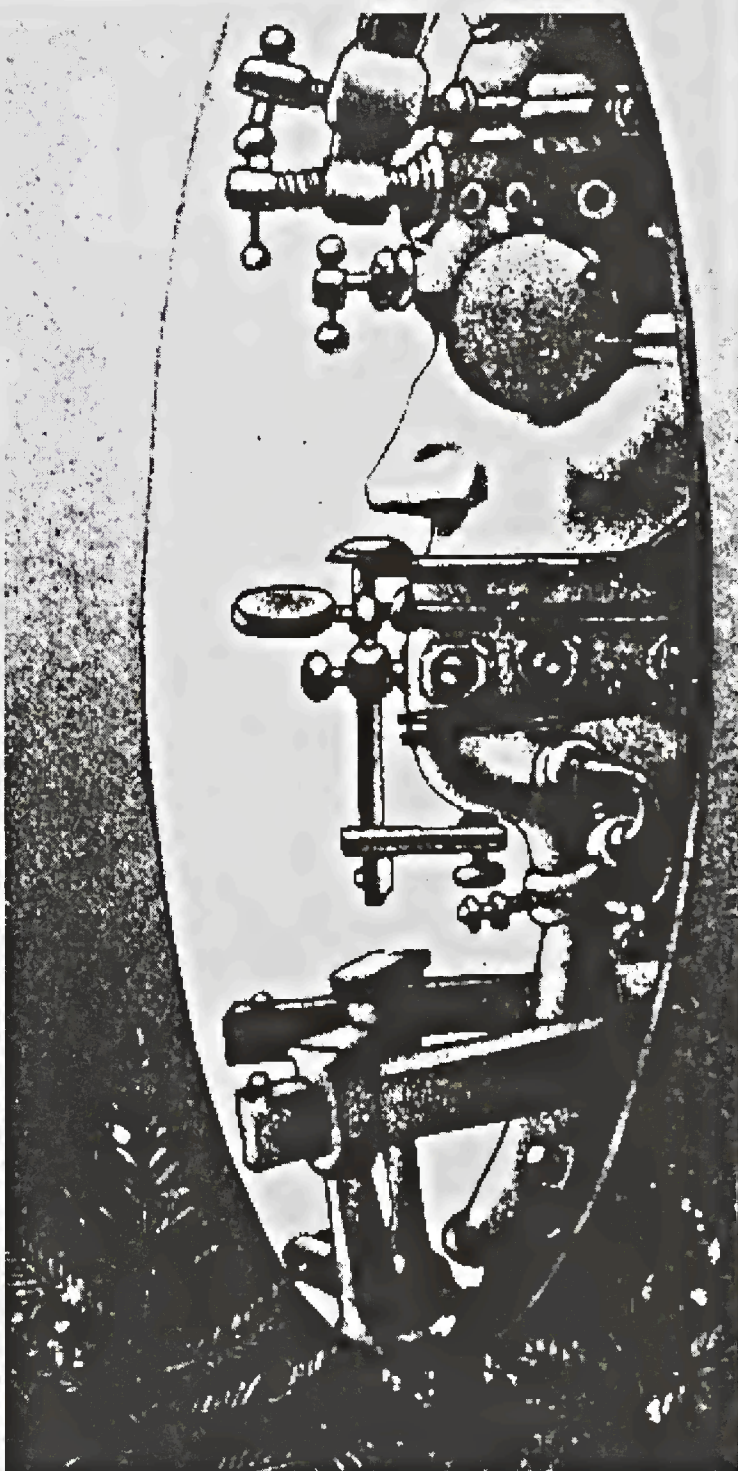
e toda atividade alienada e até o próprio trabalho criativo ou artístico

têm como causa o NADA-SER da individualidade inexistente

mas instaladora da ilusão do ego e da conseqüente separação e isolamento condicionado do indivíduo

antes espontaneamente unitário

hoje em desespero para se preencher a ser à custa de todas atividades teriorizadas ou do círculo vicioso do pensar verbal.



* O livro em questão, em castelhano, da Quatro Vientos Editorial, Chile, 1992. São de sua capa as figuras acima e da pág 3. Esperamos que não nos processem pelas reproduções.

NO LEME

Estamos em processo de eliminação das nossas crenças – o que não quer dizer que não continuemos a nos renovar como crentes nas possibilidades humanas de cada geração, daí que é na última que mais acreditamos... ser capaz de romper com tudo que está estabelecido, posição essa de total descrença e realização universal mente-corpo e não ego.

No mais SE NÃO ACREDITÁSSEMOS NÃO PUBLICARÍAMOS O CLÃ!

EXPERIDENTE:

Textos - Apa, Thor, Raul

Desenho - Hatsu, Luna, Marcelo

Ilustração - Pg 1 e 3 - Leo e Dianne Dillon

Composição / Arte final – Angela

Correspondentes – Todos os leitores que nos escrevem

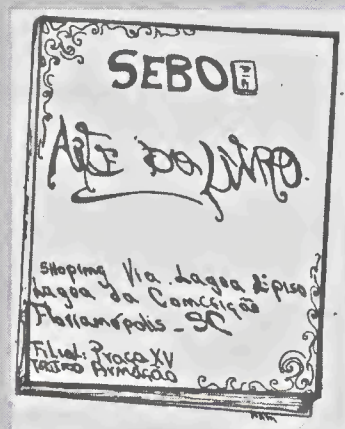
Internacionais – Garran, Tui, Sansha
Bernarda, Nequema, Boltar, Ivalu, Catuxa,
Chiara

Impressão - Gráfica Agnus

EI, ESCUTA!

- Dino: VIVA O BARNALEKO! Com a Bia de Luna na capa: a ela a inesquecível, toda a beleza do mundo, a ele longa vida, tal como a noite imorredoura. Estou adorando a linguagem renovadora de vocês... e já não me sinto capaz de imita-la, aqui neste mundo sem noite, a não ser no Engenho Novo que me dá uma chance de escrever a vocês.

- JAIR: que universo no seu LOBISWOMAN!



EI, ESCUTA!

- JOHNY CORREIA, o indecifrável: desde que se decifre – eis o tema – e se traduza decifrado e desenhado, mande-nos o texto e obrigado.

- MARIA HELENA: além de alguns libertários acadêmicos, não conheço outros na ilha de Sta. Catarina, mas devem existir, isolados como nós aqui na Praia da Pinheira. O CLÃ não é uma publicação anarquista e sim tenta ser universalista no trato dos temas... não de raro, anarcos face à liberdade – que mais universal! – que os determina. Segue alguns números anteriores e... ah, não tenha dúvidas e nem se entristeça pois, é na solidão que podemos mais profundamente nos realizar como anarquistas.

- Olha aqui, PISSOA que nem o nome deixou, a não ser a interrogação no boné: você é poeta deveras! e duvido que não saiba. O Thor sabe e o publica na página dele.

- MONTANHA: chegas atrasado. O meu antigo estúdio na meia encosta da montanha da lagoa, já está ocupado com o filósofo Márcio. Apareça.

- KARINA – valeu a circular do 3º E. Internacional Anarco-Punk. Estarei presente.

- MAINARA LUA : Brinco com a madrugada
à meia luz é uma

looonngggaaa

estrada.

Seja benvinda, herdeira do poeta Marcos Terra.



O que você não disse
ao Papa nem à sua
mãe,

escreva no CLÃ
DESTINO

C. Postal 10149
Lagoa da Conceição
Florianópolis (SC)
CEP: 88062-970
Fone: (48) 283-1139



CRER E DESCRER: EIS A QUESTÃO

Assim surgem e morrem as ideologias
As promessas da civilização do lazer
da máquina substituindo o homem, da paz globalizada
e agora, a virtual e perigosa solução da informática.
Mas, entre tantas utopias, insuperável é o
princípio gerador que define a anarquia
MÃE DE INCONTÁVEIS PARTOS UTÓPICOS
CADA UM PARA CADA IMPOSIÇÃO DESUMANIZANTE
OU DESTRUTIVA DAS POSSIBILIDADES HUMANAS
são tantas! e tão poucas as aplicáveis
à realidade ou às irrealidades institucionais
e cotidianas do hoje tecnológico
que após tanto tentar aplica-las
DESCREMOS DE TODAS A NÃO SER DE UMA
AQUELA QUE INVERTE A AÇÃO DO EXTERIOR
PARA O INTERIOR QUE SE NOS REVELA UNITÁRIO
PORTANTO, NADA SOU PARA TUDO SER
A ESPERA DE QUE TODOS SE APERCEBAM UNOS

tentou se interiorizar, surgiram da desistência de realizar agora, o 1º INTERCÂMBIO DE REALIZAÇÕES LIBERTÁRIAS em razão do estudo que estamos fazendo sobre as utopias que se revelam sempre na prática das realizações DESSE ESTRANHO SER MITOLÓGICO QUE VIVE EM ESTADO UTÓPICO. Vamos refletir sobre a questão, tendo como base as grandes realizações ideológicas revolucionárias e seus fracassos

EI, ESCUTA! RAUL: não é possível, por falta de espaço, a publicação dos seus dois artigos por inteiro: assim, vão na 6ª as primeiras páginas que consideramos o sumo! e que não deve ser prejudicado por críticas aos FHCs que nada significam, a não ser como inconseqüentes das últimas conseqüências. E vê se enxuga os próximos. Ah, posso falar aos "meninos" adultos aí nessa espetacular P. do Sambaqui. Confirme.

Hã frases
Que buscam todas as faces
Facetas - crases
Rarefeito, ou quase

Dyane Silva

Sumiram no azul
São seivas
Sombras
Signos

Sonho
De silêncio
E solidão

Thor

Eu estou aqui.
Pela primeira vez estou aqui.
E descobri que aqui é lugar nenhum

Cristina Gebra

Minimamente
Declarações poemas
Várias versões
A mesma cena
Comédias tragédias
Em busca da mesma pedra
Pedra - palavra
Pedra - paixão
Amor - montanha - ilusão

Adriano Smaniotto

Nunca mais é muito tempo
Mas metade de um pra sempre
Jã é tempo suficiente

Alecsander Mattos

Quem se eu gritasse.
Entre os anjos me ouviria?

R.M. Rilke

Vendo sonhos
Desvendo olhares
Ilusão
Eis a parte que me cabe.

Paulo Matos

Quantas vezes hospedamos
Desconhecidos suspeitos
Que se revelaram anjos;
E velhos amigos que escondiam
Mapas de piratas e sangue...

Renato de Gasperi



Luna

FUNKMANIA

A ascensão da classe média, da poltrona aos guetos da periferia.

Nos anos 80, enquanto os meninos da classe média assustavam seus progenitores numa orgia de "sexo, drogas e rock and roll", dando prosseguimento ao "make love, not war" da geração anterior, os moleques oriundos do proletariado descobriram exatamente aí um mercado de trabalho muito mais promissor do que o minguado salário pago pela exploração de desumanas 42 horas, ou mais de árduo trabalho semanal: o tráfico de drogas.

Deu problema: os garotos da classe média, sem mais o que fazer e pensar, caíram no pote mergulhando fundo em pós, líquidos, comprimidos e beberagens. Suas manhas por mesadas para custear o vício, tornaram-se violência familiar e os pais espicharam o orçamento doméstico com despesas de médicos, clínicas, psicólogos e outros substitutivos à impossibilidade de relacionamento e troca de compreensão e afeto, sempre crescente numa sociedade onde são exigidos tantos superficialismos que, sem percebermos, perdemos-nos de qualquer significação do essencial.

Como é que um pai ou uma mãe da classe média pode sentar-se numa poltrona para conversar assuntos que sejam essenciais aos seus filhos? Para tanto, seria necessária a recordação de suas próprias inseguranças de adolescência, comuns aos adolescentes de todas as gerações, mas que no decorrer dos anos e da vida, nos esquecemos completamente, substituindo-as pela segurança do cheque especial, do cartão de crédito, do plano da casa própria, do seguro obrigatório, do capítulo da novela e da prestação da poltrona. Infalíveis!

Mais fácil do que voltarmos-nos para dentro de nós mesmos, é irmos em frente rumo ao futuro, avançando o limite do saldo bancário na compra daquele tênis ou do último modelo de algum artefato eletro/eletrônico ou aparato mecânico que demonstre o quanto somos capazes de qualquer sacrifício por amor a nossos filhos!

Pois é exatamente aí que, lenta e insidiosamente lhes despertamos a necessidade de emoções que o consumismo não se define e sequer se distingue. Certamente as drogas não a substituem, mas preenchem o vazio de sentimentos rotos, flácidos, puídos.

Governos, instituições e organizações sociais se mobilizam em campanhas publicitárias e cruzadas anti-drogas, num messiânico esforço para provar que essas emoções são falsas. Mas quem lhes disse que se busca emoções verdadeiras nas drogas?

Qual o psicólogo que instruiu tão mal os comunicadores que repetem infinitamente que essas emoções sejam falsas? Qualquer pessoa que se disponha a observar o problema com sinceridade, descobrirá que o que menos preocupa o usuário de drogas, são as falsidades ou verdades sobre elas. Nenhum desses usuários é ingênuo ou se deixa enganar. Todos conhecem perfeitamente a verdade sobre seus malefícios e encontram exemplos vivos (ou mortos) entre seus companheiros de infortúnio e solidão.

Mas tem que haver uma razão, uma causa, uma origem. Tem que haver um sedutor. Um culpado. Afinal, tudo fizemos, tudo compramos, tudo gastamos pela felicidade de nossos filhos.

O culpado, sem dúvida, é o traficante! Quem mais?

Em resposta à indignação pública, as gloriosas forças armadas brasileiras, numa operação bélica sem precedentes depois da Guerra do Paraguai, sobe os morros do Rio de Janeiro e faz o mesmo que antes e após fizeram as polícias Militar e Civil: não resolvem nada.

Alguém, um pouco mais esperto, conclui que os favelados não têm condições financeiras para formar e manter tamanho exército, arsenal e estoque de drogas, nem montar tão eficientes sistemas de distribuição internacional.

Então instaura-se uma CPI. Durante mais de um ano os parlamentares investigam e denunciam seus colegas; incriminam diversos escalões da polícia, exército e aeronáutica; empresário; autoridades municipais, estaduais e federais. Associam o tráfico a diversos crimes metodicamente praticados em todo o país e revelam a existência de uma organização mais ampla do que qualquer outra em atividade no território nacional. Há mais pontos de tráfico no Brasil, do que igrejas, escolas, postos de saúde, filiais das Casas Pernambucanas e agências do Bradesco.

Talvez, só a Rede Globo dê tanta cobertura e penetre em tantos lares quanto as outras drogas. E podemos assistir, confortavelmente instalados em nossas poltronas, a prisão de dois ou três bodes expiatórios de algum remoto estado da fronteira.

Raul



"Uma Sociedade Anarquista transformou-se na pré-condição básica para a prática dos princípios ecológicos. Pois na verdade, o Anarquismo é a única corrente do mundo moderno suficientemente desligada da preocupação com o lucro e o poder, e capaz, por isso mesmo, de encarar objetivamente e com sensibilidade o homem inserido no mundo natural como um ser nem melhor nem pior do que os outros, mas diferentes deles."

Murray Bookchin

Traficando
Informações

Caixa postal 78
11525-970
Cubatão-SP
Email:
mrs.ana@uol.com.br

El, ESCUTA! MOÉSIO: Com sua licença reproduzimos o "Traficando" e agradecemos o material, principalmente a circular da Federação Francesa que nos vem rendendo a visão da superação da realidade anarquista européia.

(Amar Lashimi é para Vitor a esperança inconsciente de não se entregar ao ópio e ao “não ser”. A bailadeira, que ainda o ama, aproxima-se:).

O NOVO DEUS

W. Rio Apa

17

/...a elegância do andar... e harmonia do corpo, dos volumes dos quadris... dos seios...

- Lashimi! Ainda mais bela. Sente-se, por favor. Este é o professor Ragun que admira muito a sua arte.
- Encantado. Beijo sua mão agradecido pelo prazer que a sua dança sempre me proporciona. Desde que a vi pela primeira vez no New World...
- Agradeço, professor. E é para o New World que vamos na próxima semana iniciar nova temporada...
- E foi lá também que nos conhecemos. Você recebeu a reportagem?

/...o movimento afirmativo no rosto... o olhar (dela) sondando..o...

- Vitor estava ansioso para revê-la. Diria mesmo, inquieto...
- É verdade, Vitoo?
- Sim, querida: voltei para reencontra-la.
- E agora... o que sente?
- Alegria, esperança... e você?
- O mesmo que sempre senti... e sofri nestes dois anos...
- Acho que precisam ficar sós. Convido-os para jantar no meu apartamento amanhã. Aceitam?
- Será que o seu primo vai deixa-la ir, Lashimi?
- Não me importa a vontade dele. Vou sim. Onde é?
- Eu a levo, querida. Boa noite, professor. Você já jantou ou quer algo para compensar a sua interpretação... de sedutora irresistível.
- Jantei cedo. Agora só um vermute com azeitonas.
- Como antes... Garçom, dois vermute, por favor. Sabe, Lashimi, não sou mais jornalista e não voltarei a ser tripulante... tão cedo.
- O que vai fazer?
- ... ioga ou amar você.
- Vitoo...!

/o contacto, o calor da mão (dela) apertando (a sua); o azul-escuro dos olhos (dela) penetrando...: a perturbação.

- Dois vermute com os cumprimentos da casa.
- Obrigado. Sabe onde estou morando, Lashimi? Num pequeno barco, logo acima da North Bridge.
- Barco? Quero conhece-lo.
- Esta noite mesmo... se quiser.
- Sim, quero, querido Vitoo.
- Gosto muito dessa sua fraqueza, Lashimi. Creio que as mulheres da Índia tendem ser assim, já as ocidentais escondem, reprimem.
- São puritanas, ouvi dizer.
- Atualmente... nem tanto, mas o passado cristão medieval ainda pesa no comportamento delas. E, podemos ir? Estou ansioso...
- ...eu também. Antes, porém, preciso passar no New World para ver a propaganda e falar com Haman.
- Estive ontem com ele. Ainda não havia propaganda. Quando será a estréia?
- No sábado.
- Hoje é quarta. Que bom! Teremos alguns dias para nós. Subiremos o rio até lá naquela ilha. Lembra-se?
- Como esquecer?!

(cont.)



CARTA DECLARATÓRIA DOS DESCRENTES

Considerados pela grande maioria como ateus, hereges, pela intelectualidade crente como céticos, pelos políticos como subversivos e pelos próprios subversivos como pequenos burgueses negativistas, enfim, nós, os que não temos deuses nem valores culturais fixos ou estagnados, nós, que não temos partidos, líderes nem governos e muito menos ideologias, nós, que não situamos causa nenhuma acima da causa própria pela liberdade e solidariedade e que é comum a todos - mesmo que não saibam, e finalmente nós, os que morremos sem esperança da continuidade do ego, pois nele não acreditamos e muito menos na reencarnação; e por tanta descrença caminhamos sozinhos à margem dos sistemas econômicos, políticos, religiosos, acenando livremente aos prisioneiros dos deveres, da ética, dos padrões sociais, do voto, das autoridades, da mídia, do consumismo, para que se libertem de tais condicionamentos que caracterizam o viver urbano e experimentem a auto-suficiência nos campos e nas praias.

E o que temos a fazer e que alguns já fazem solidários aos que chegam e ainda não sabem como sobreviver, adaptarem-se ao meio, ao silêncio do nada a fazer, até que os ventos, as luas, façam vicejar as sementes e emalhar os peixes.

E os duros primeiros tempos passam.

Já aptos e em harmonia com a coletividade antiga que nos passou, sem querer ensinar, a cultura da sobrevivência criativa, não mais ouviremos propostas dos que foram absorvidos pelo mando e o lucro, não mais seguiremos direções que não sejam as nascidas em nosso, próprio peito e não nos inquietaremos mais por transformações: elas virão como as estações vêm e vão, e vivendo cada uma, vivemos as soluções geradas pela vida, pois nela acreditamos.

Apa